

Reanimar a Europa

Glória Nunes Rodrigues

Ministro do Interior e potencial candidato da direita às eleições presidenciais de 2007, Nicolas Sarkozy escolheu Berlim como primeira cidade a visitar durante a sua deslocação às principais capitais europeias no início de 2006. Verdadeira “ofensiva europeia”, esta deslocação visou afirmar a imagem internacional do pré-candidato presidencial e divulgar a sua ideia de como a União Europeia pode sair do impasse em que se encontra desde os “nãos” francês e holandês ao projecto de Tratado Constitucional. Foi precisamente em Berlim, a 16 de Fevereiro de 2006, na Fundação Konrad-Adenauer – think tank da CDU, partido da Chanceler Angela Merkel – que Sarkozy expôs em pormenor [a sua visão](#) de como relançar o projecto europeu.

Não muito longe da perspectiva defendida pela Comissão Europeia e principais líderes europeus, o Ministro do Interior sublinha a importância de tornar a Europa mais próxima, acessível e compreensível ao cidadão europeu. Tal implica, no entender de Nicolas Sarkozy, uma Europa eficaz, que sirva os interesses dos cidadãos europeus, que intervenha nas áreas onde a sua contribuição é mais útil que a dos poderes políticos nacionais e locais, e onde as diferentes identidades e referências políticas e culturais não sejam diluídas. Identifica algumas políticas, tais como a inovação, energia, acção externa e defesa, onde acredita necessário uma intervenção mais consistente da UE.

O carácter particular da intervenção do Ministro do Interior, também presidente do UMP (União para um Movimento Popular), deriva da forma como considera pôr em prática estes objectivos. Um dos ideais principais de Sarkozy consiste em alargar o tradicional motor franco-alemão a uma organização que inclua os seis Estados Membros de maior densidade populacional - Alemanha, Espanha, França, Itália, Polónia e Reino Unido. Tranquilizando a anfitriã Merkel, a quem não agrada a ideia de directório (sobretudo devido à sua preocupação em manter boas relações com os dez novos Estados Membros), Sarkozy alegou que o chamado “G6”, de natureza informal, aberto a todos os Estados que se queiram associar e que se circunscreve à preparação das iniciativas do Conselho da União Europeia, não constituirá em caso algum um Directório dos Grandes.

Outro dos elementos particulares do discurso de Sarkozy consiste na sua visão sobre o futuro do Tratado Constitucional. Para o Ministro, o Tratado Constitucional na sua forma actual não poderá entrar em vigor. Defende em alternativa, e numa primeira etapa, um “tratado funcional” que, preservando as inovações institucionais e algumas das disposições objecto de largo consenso propostas pelo projecto de Constituição, dê à União os meios necessários à sua eficácia. Este “mini-tratado” suporia que os Estados membros voltassem a usar o mesmo processo de ratificação que em relação ao Tratado Constitucional. Numa segunda etapa, considera a hipótese de lançar uma nova Convenção sobre o futuro da Europa que se reuniria após as eleições europeias de 2009 e colocaria a questão do financiamento comunitário, do voto a uma maioria “super-qualificada”, das fronteiras da União Europeia e do estatuto de parceria privilegiada que, para os países vizinhos que não têm vocação de Estado Membro, permitiria criar uma área de prosperidade de 800 milhões de consumidores.

Inspirado pelo método dos pequenos passos e pela ideia de uma Europa de projectos concretos, Sarkozy pretende-se assim herdeiro dos pais fundadores da construção europeia e, nas suas viagens pelo velho continente, convida, enquanto “presidenciável” francês (embora sem o admitir), os parceiros a reanimar o projecto europeu.

20.07.06